

Editorial

O ano é 2020. O mês é junho. E quando tudo antes se encaminhava para que nesse mês e ano estivéssemos na agitada preparação para os festejos em celebração do Bicentenário da Independência de Sergipe, a ser comemorado no dia 8 de julho, fomos surpreendidos com a grave pandemia do covid-19 que já ceifou milhares de vidas no mundo. O Brasil foi gravemente atingido pelo vírus e Sergipe já conta perdas com mais de duas centenas de famílias enlutadas.

A historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz, professora da Universidade de São Paulo e da Universidade de Princeton nos Estados Unidos da América, entende que a pandemia encerra a virada do milênio. A mudança brusca de rotinas e mesmo os limites da tecnologia que não consegue de maneira rápida solucionar um problema que advém de algo tão minúsculo e invisível, são citados como divisores de água que assinalam tal virada diante da experiência humana e não simplesmente do marcador de tempo.

Então como celebrar em meio a tempos tão difíceis e incertos? Uma possível resposta, entre tantas, é que a preservação da memória e o cultivo da nossa história local nunca foi tão necessária para nos reerguermos, olharmos as nossas raízes e buscarmos ver nascer novos galhos, flores e frutos desse território que completa dois séculos de autonomia política. Com esse pensamento e tendo como mote a missão do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), entregamos o volume 1, número 50, da Revista da “Casa de Sergipe”. Um marco na própria história do periódico.

Abre o primeiro volume o texto da presidente do IHGSE, Aglaé Fontes, com uma acurada análise do Hino de Sergipe. Na sequência o dossiê “Rememberar a Independência de Sergipe: histórias, processos e experiências” coordenado pela professora Edna Maria Matos Antônio do Departamento

de História da Universidade Federal de Sergipe. Especialista no assunto, a pesquisadora aglutinou um conjunto diversificado de textos que trazem novas perspectiva para analisar a Independência. Uma contribuição significativa para a historiografia sergipana e brasileira do século XIX que inova e se reinventa a partir das lupas de dez distintos pesquisadores.

O volume segue com a “seção livre” de artigos. O primeiro trata-se de um texto de Andreza Maynard com a análise da chegada dos filmes que abordavam a Segunda Guerra Mundial, inclusive os antinazistas, aos cinemas aracajuanos entre 1939 e 1945. Já Mariana Barreto de Góis e Renata Mascarenhas Aragão historicizam o “Pavilhão dos Loucos” da Penitenciária Modelo do Estado de Sergipe, instituição que abrigou “os loucos e loucos criminosos” nas primeiras décadas republicanas, além de apresentar notícias do surgimento do Manicômio Judiciário Lemos Brito, no recorte temporal de 1926 a 1946. São dois textos que inovam com temáticas pouco exploradas pelos historiadores sergipanos e já se constituem como campos de pesquisa que estão sendo desbravados pelas signatárias dos artigos.

Nos dois outros artigos da seção, a música fornece o tom da pesquisa. Primeiro, Jair Maciel analisa a atuação do músico Ceciliano Avelino da Cruz (1877-1963), tanto como professor de música, como maestro e, principalmente, como compositor a partir de uma série de fontes localizadas, sobretudo, no Museu da Polícia Militar de Sergipe. Em outro texto, escrito por pesquisadores de três diferentes instituições do país, Thais Rabelo da UFS, Edite Rocha da UFMG e Fernando Duarte da UFPA, apresentam um valioso estudo acerca de Frei José de Santa Cecília (1809-1859), o autor do *Hino de Sergipe*, tendo como foco a sua atividade musical, através de uma pesquisa hemerográfica, bibliográfica e documental. Dois textos que fornecem significativas contribuições para a memória de Sergipe com foco no seu patrimônio artístico e cultural.

Para finalizar o volume, na “seção comemorativa”, a revista publica uma homenagem a Santo Souza (1919-2014), “Um argonauta do nosso tempo”, de autoria de Wagner Lemos.



Para Sergipe, de forma particular, 2020 é o ano do Bicentenário da Emancipação Política e dos 150 anos do Atheneu Sergipense. Um ano para si reinventar como um povo capaz de escrever, contar e construir novas histórias.

Desejamos uma boa leitura deste volume da Revista do IHGSE.

João Paulo Gama Oliveira
Joaquim Tavares da Conceição
Editores da Revista do IHGSE
Junho de 2020

